

**BERTINA LOPES (1926-2012)**

# A pinta de Moçambique



**E**nergia imparável era o comentário mais óbvio que se podia fazer quando se falava de Bertina Lopes. Na história da pintura, muitas vezes o seu nome é posto ao lado da mexicana e grande artista Frida Kahlo. Duas vidas certamente diferentes, mas com traços comuns muito fortes e, sobretudo, com qualidades pictóricas e humanas muito peculiares.

Bertina era chamada por toda a gente Mama B. Mãe foi de dois filhos, o Virgílio e o Eugénio. E foi considerada a mãe dos pintores moçambicanos todos. É Bertina Lopes, a artista luso-moçambicana que vivia há mais de quarenta anos em Roma, com Franco, seu marido italiano. Proibiu-nos de chamá-la apenas moçambicana. Não queria. **“Nas minhas veias corre sangue português, do meu pai, e sangue africano, da minha mãe. Desde sempre queria que todos me chamassem luso-moçambicana, só nos últimos anos consegui ter reconhecido esse meu direito”**, afirmara.

Bertina voltou a Maputo (nos seus tempos de Lourenço Marques) em 1953, depois de uma temporada em Lisboa onde foi estudar Belas Artes. Voltou e começou a dar aulas de desenho na Escola Técnica General Machado. Eram os tempos de Craveirinha, Noémia de Sousa, Rui Knopfli. Casou com o poeta Virgílio de Lemos, o pai dos seus filhos.

## EMBAIXADA PARALELA

Bertina recebia na sua casa-atelier todos os “palo-

pes” que passam pela capital italiana. O terraço, com vista fabulosa dos telhados de Roma inclusive da Basílica de São Pedro, tornou-se uma espécie de “embaixada paralela”. Todos deixaram a sua assinatura, nas paredes, repletas de homens políticos, artistas, músicos, enfim de toda a gente que por lá passa. Um pedaço dos “palo-” em território neutro, a Itália. Está lá o poema que lhe dedicou Graça Machel, a flor de Joaquim Chissano, o charuto de Mário Soares, os agradecimentos de Carlos Veiga... e todos os outros que passaram e passaram por lá a tomar um “espumantinho erótico”. Bertina contava anedotas, sorria à vida, levava tudo com a ligeireza sonhadora dos grandes artistas e falava uma língua que era só dela: o “bertinês”, uma mistura de português e italiano, como a definiu o escritor italiano Carlo Levi. Quando falava, usava sempre um tom baixo e arrastado, como se tivesse sempre que traduzir não apenas as palavras mas aquilo que sente na alma: as reacções agressivas – que eram uma característica dela – apagavam-se logo graças ao sorriso de menina brincalhona e das boas maneiras de senhora requintada. Bertina era uma pessoa generosa. “No meio artístico e social de Moçambique é carinhosamente chamada Mama B”, escreveu Joaquim Chissano, “porque nela está corporizado o mito e a essência do nosso ser colectivo, o modelo e exemplo a seguir pelas novas gerações, a fonte inesgotável de inspiração nos nossos esforços de reconstrução e desenvolvimento nacional, de consolidação da tolerância

e reconciliação, de trabalho árduo por um futuro melhor, em que estejam garantidos o pão, a paz, a harmonia e o bem-estar para todos.”

O antigo Presidente esqueceu-se de dizer que Mama B era assim chamada também em Itália onde contava com 57 “filhinhos”, (filhotes). A pena dela era que apenas uma trazia o seu nome. “Bertine era a mulher do médico que me fez nascer. Mas como era um nome estrangeiro o governo não deixou registar o nome. Os meus pais decidiram então me chamar Bertina.” Bertina à medida que a idade avança não deixava de ensinar a arte de viver com o sorriso apesar da dor, a arte da curiosidade, da generosidade, e sobretudo a grande arte de não se levar demasiado a sério, a ironia, e a arte e o prazer da convivência natural e social. Ela nunca se esqueceu de onde veio, nunca se esqueceu a luta do seu povo e a luta dela ao lado, embora geograficamente distante, da sua gente. Em 2004 foi madrinha de uma exposição de artistas deficientes, “Abaixo o Cinzento”, para angariar fundos para o DREAM, o programa de luta contra a SIDA levado a cabo pela Comunidade de Santo Egídio em Moçambique. “Nunca se divorciou do seu país”, comentara o também pintor Malangatana, falecido em 2011. A lembrança faz parte da sua obra de arte e da sua vida. “A minha casa era, desde a minha chegada a Roma, o ponto de encontro dos refugiados, dos exilados”, e recordava como ela, na época da ditadura era “deportada” enquanto a irmã mais velha era deputada nas Nações Unidas.

Entre outros, em 1991 Bertina recebeu o Prémio Mundial “Carson” da Raquel Carson Memorial Foundation de Nova Iorque, pelo seus méritos artísticos e humanitários e pela sua fidelidade às origens africanas embora no contexto de uma refinada experiência pessoal internacional.

Uma das fases mais recentes da pintura da Bertina tem o jazz como elemento inspirador. As telas de Bertina a quererem ser partituras de jazz, como um símbolo activo da síntese mais ambiciosa e qualitativamente elevada, entre diversas culturas e etnias, jogadas no harmónico signo de uma arte já

livre de qualquer exagero nacional-cultural e político.

A força da pintura e da escultura (particularmente interessante aquela que dedicou ao antigo Presidente e amigo Samora Machel, Quem nunca morre e de tudo se lembra, é o povo) vivida entre dois continentes, reside neste seu “estar fora”, num espaço pictórico totalmente autónomo das escolas e totalmente den-

tro da vida, percorrendo o espaço “para encontrar um espaço para África”. Grande capacidade da artista de absorver e metabolizar escolas e tendências sem nunca prescindir das suas raízes e da sua personalidade.

Mas a sua terra natal não se lembra tanto dela como ela se lembrava de Moçambique. Há vários anos que não é organizada uma exposição da obra dela. Há pelo

menos um banco que possui muitos quadros de Bertina, talvez a maior exposição permanente da artista nesta cidade. Infelizmente não está à vista de toda a gente. Malangatana chegou a dizer que Moçambique deveria organizar uma exposição.

*(Texto de Paola Rolletta, actualizado por ocasião da morte de Bertina Lopes)*

## País perdeu um tesouro

### - Presidente da República

AS reacções à morte de Bertina Lopes não se fizeram esperar. Do nosso país, uma das primeiras a ser tornada é do Presidente da República, que considera que com o desaparecimento físico da pintora “Moçambique perde um dos seus preciosos tesouros”.

Armando Guebuza descreve Bertina Lopes como uma mulher humilde e criativa, afável e combativa, generosa e exigente com as sua constante auto-superação e recordou nela alguém que fez do seu talento na arte um instrumento de crítica social e de consciencialização política. Através da arte, Bertina ajudou a consciencializar os moçambicanos, no tempo colonial, a buscarem a sua própria liberdade, o que foi conseguido com a independência.

A criação artística de Bertina Lopes ganhou reconhecimento internacional, pois era muito solicitada para exposições e conversas sobre a arte. Participou em várias exposições colectivas e apresentou algumas individuais

em todos os continentes, tendo sido também agraciada com muitos prémios e títulos.

O ministro da Cultura, Armando Artur, referiu, por sua vez, que o país perdeu “um embondeiro das artes” com a morte de Bertina Lopes.

“É uma notícia triste, Moçambique perdeu um embondeiro das artes plásticas e da cultura. Ela catapultou Moçambique para fora, porque teve muito reconhecimento e ganhou vários prémios”, afirmou.

Armando Artur acrescentou que o Governo moçambicano vai encetar acções no sentido de garantir a conservação do espólio da artista, “para que possa servir de inspiração para as gerações vindouras”.

Bertina Lopes, de 86 anos, morreu de causas naturais na sua residência em Roma.

A última aparição pública artística da pintora foi na Bienal de Veneza de 2011. Foi a enterrar sábado no Cemitério Santa Maria dos Anjos, em Roma.

